Como se mostra na Gulbenkian

Centro Pompidou favorece familiarização com a arte

Continuaram ontem, na Fundação Gulbenkian, as manifestações culturais que acompanham a inauguração da exposição O Centro Pompidou Visto por Seis Fotógrafos, realizada ao abrigo do Acordo de Cooperação Cultural, Científica e Técnica entre Portugal e a França.

Apesar de já terem sido fornecidas diversas explicações quanto ao Centro Pompidou, no dia da inauguração da exposição, ontem houve uma visita guiada por Gilbert Paris, director das Relações Exteriores do Centro, que, diante da maqueta, foi dando alguns pormenores do seu funcionamento. Foi sobretudo realçada a existência de uma biblioteca pública onde, pela primeira vez, há livre acesso aos livros e a toda a documentação, diapositivos, microfilmes, jornais, etc. Quer dizer: no Centro Pompidou foi abolida a burocracia, foram abolidos os papéis, quem quiser consultar um livro não precisa de preencher nenhum impresso com nome, morada, telefone, profissão, etc. O mesmo se passa no que diz respeito à biblioteca das crianças, que, com toda a facilidade, podem escolher o material que desejam consultar. De notar que, neste momento, a biblioteca do Centro Pompidou regista já um número superior a três milhões de visitantes.

Também o Centro de Criação Industrial tem suscitado grande interesse.

«Pensamos que todos os problemas da nossa vida quotidiana (a nossa casa, os objectos que nos rodeias, etc.), pertencem a uma certa forma de cultura e que o seu aperfeiçoamento irá permitir ao homem viver melhor. E viver melhor é também uma forma de cultura», salientou Gilbert Paris durante a sua exposição.

Outro dos grandes êxitos do Centro tem sido o seu interesse pelas crianças, tudo o que lhes oferece e sugere. As crianças encontram-se no Centro «não como numa creche, mas num local onde lhes fazem tomar consciência do que é a cultura. E isto não se faz por imposição, pondo-as diante de um quadro ou metendo-as numa sala de concertos, mas sensibilizando-as realmente para a cultura: pondo-as em contacto directo com um pintor, ou com um escultor, ou fazendo-as mesmo participar nessa criação cultural».

Segundo as últimas estatísticas, mais de seis milhões de pessoas passaram já pelo Centro Pompidou, embora a maior parte ainda seja um publico de curiosos, «que vêm ver aquele edifício no meio de Paris». No entanto (e apesar disso), pode considerar-se que os objectivos estão a ser atingidos e que o Centro já está a ser um local de trabalho, de investigação e de convívio.

«O objectivo de Georges Pompidou era o de dar a Paris um papel importante na vida artística e cultural. E esse objectivo está, quanto a nós, a ser atingido», disse ainda Gilbert Paris.

A seguir à apresentação da maqueta do Centro Pompidou realizou-se um breve debate, que infelizmente não teve grande animação, não foi muito variado e se limitou quase às queixas de alguns dos privilegiados que já conhecem o Centro Pompidou, que decerto já conhecem até milhentos outros centros iguais ou superiores a ele e que por isso se podem já permitir apontar como grande defeito, por exemplo, o calor que há lá dentro nos dias de grandes enchentes... (Esta atitude recordou-me aquela outra que o crítico literário do «Le Monde», Poirot-Delpech, denunciou aquando da sua estada entre nós, em Janeiro de 1976. Dizia ele que um dia Jean-Jacques Gauthier, crítico teatral do «Figaro», saía de um espectáculo de Brecht quando alguém lhe perguntou a sua opinião sobre ele. Para poder justificar que não tinha gostado, lá encontrou uma saída: «Não gostei porque o cenário é cinzento demais.» Mas isto foi apenas um parêntesis. De salientar que, naquela pequena sala onde decorria o debate, o calor era perfeitamente insuportável e ninguém se queixou...

A terminar o debate, o poeta Alexandre O'Neil leu um poema que fizera ao Centro Pompidou depois de o ter visitado, um poema dedicado «ao antimuseu, o sítio contra o sítio/onde supostamente se guardam coisas preciosas, onde «te dá uma grande vontade de tudo experimentar», esse «gigantesco gadget» onde se encontra de tudo, até «os que esperam encontrar mais um templo de arte/e descobrem que a arte é que os contempla e os desafia», pois «se o Centro Pompou é um templo/ele será o da dessacralização da arte».

Cerca das sete da tarde realizou-se, no Auditório Três, uma exibição do filme sobre o Centro, realizado por Roberto Rossellini, filme que será reexibido no dia 20, no Grande Auditório. No entanto, segundo informou Gilbert Paris, a responsabilidade do filme não cabe inteiramente a Rossellini, dado que ele morreu antes de o poder concluir. O filme não é, portanto, como salientou Gilbert Paris, «nem a nossa concepção do Centro nem sequer a concepção de Rossellini, que não pôde supervisionar a sua montagem».

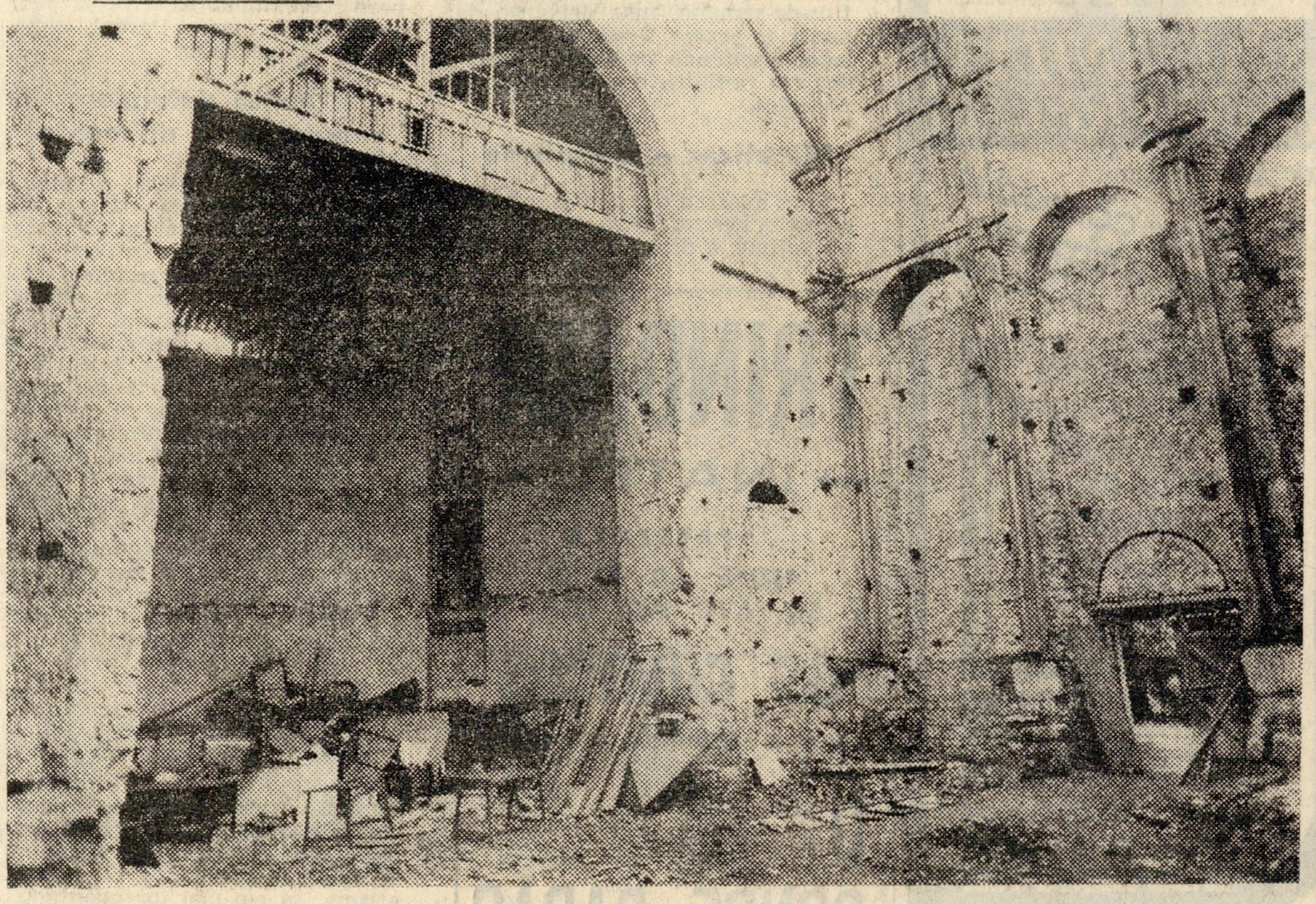
Amanhã, às 10.30, na sala de conferências do Museu Gulbenkian, terá lugar um colóquio sobre «O Museu de Arte Moderna do Centro de Arte Pompidou», com o seu director, dr. Pontus Hulten; e, às 16 horas, no mesmo local, um colóquio com o colorista Philippe Lenclos, autor da exposição «Geografia da Cor», também em exibição no Museu Gulbenkian.

Continuamos a ser os enteados?

Pois parece que sim. Parece que os jornalistas continuam a ser aqueles pobres diabos a quem se faz o especial favor de deixar entrar em museus, ou outros locais publicos, quando lá se realizam factos que são notícia. Factos que, em principio, interessarão a toda a gente e não apenas aos que a eles podem estar presentes. Ontem, devido ás exíguas dimensões da sala onde era exibido o filme de Rossellini sobre o Centro Pompidou, foi decidido, á ultima hora, fazer duas sessões. 'A primeira, assistiriam apenas os que tivessem convite. À segunda, uma hora e tal depois, assisitiriam os outros. E' evidente que um jornalista tem muito que fazer, vários serviços marcados num dia, e o atraso de uma hora poderá até implicar que o artigo possa já não sair no jornal do dia seguinte. E se um jornal diário não traz hoje o que se passou ontem, então pode arrumar as malas e passar a semanário, ou a outra coisa qualquer. Isto não foi, infelizmente, compreendido. As ordens eram que só entrariam os convidados — e o cartão sindical ou o cartão do jornal em que se trabalha ainda não é um convite... E por isso o jornalista, com todos os seus cartões (menos o convite...) ficaria para dali a uma hora .. Entretanto, um dos funcionários (e aqui eu quero desde já sublinhar que não estou, de modo algum, contra os funcionários que me transmitiram a ordem, pois estavam no seu trabalho tal como eu estava no meu) sugeriu-me «que fosse ouvir o concerto»... Talvez, realmente, me interessasse mais ouvir o concerto do que assistir a um filme que, de Rossellini, pouco deve ter. Mas a verdade é que eú estava ali não para fazer o que me desse na real gana, mas para trabalhar, e o meu trabalho não era ir ouvir o concerto.

Repita-se: não se está contra quem transmitiu as ordens. Está-se, isso sim, é contra tais ordens.

ALICE VIEIRA



Vai ser restaurado o Teatro Farrobo?

Falou-se (e fala-se) no restauro do Teatro Farrobo, no Parque das Laranjeiras, destruído por incêndio há mais de um século. O edifício é hoje apenas esqueleto, mas vesti-lo das roupagens do teatro, numa zona da cidade sem qualquer outro centro teatral, seria na verdade iniciativa de encarecer. Resta saber se o orçamento do Estado consente um dispêndio de cerca de duas dezenas de milhares de contos para dar ao povo da zona de Benfica o teatrinho que merece. Os estudos estão já iniciados. Esperemos que sejam acabados. O Teatro de Farrobo integrava-se num conjunto de harmoniosas linhas oitocentistas, na moldura do Parque das Laranjeiras (hoje Jardim Zoológico) e foi um dos famosos centros culturais de há um século. Supõe-se que o palácio que foi até há anos Museu da Marinha, venha a ser Museu do Romantismo, e então sim, o conjunto seria um belo centro cultural.

e mais alegre, que, no «finale» se «desencadeia a tormenta, interrompida três vezes por uma queixa lancinante», e que «finaliza nas trevas».

Tudo isto é verdade, mas a tudo supera a pura musicalidade de Schubert, que na maior fluência excita ou sugere todos os estados de alma com uma simplicidade (pelo menos aparente) que nos alheia das análises técnicas. Realmente, a musica de Schubert «fala»; e fala «por musica»: não por sugestão literária. E' claro que temos os «lieder», mas esse é outro dominio e estamos agora a pensar na musica de Schubert para piano. Alguém me perguntou há dias se achava justificado dar uma audição integral das sonatas de Schubert. Só tive para lhe responder este desabafo: «Mas Schubert ao piano é... a própria musica.»

Não me atardarei a comentar o que foi o primeiro recital de Noel Lee na F. Gulbenkian. O que é urgente é recomendar a todos os verdadeiros amadores de musica a audição de tanta musica de piano de Schubert quanta puderem, pois serão ultragenerosamente recompensados.

Aqui fica apenas, por agora, a menção do que já ouvimos: Sonata n.º 1 (mi maior, Deutsch 157); n.º 12 (dó maior, D. 613 e 612 completada por Noel Lee); n.º 16 (lá menor, D. 784, Op. 143); e Sonata n.º 22 (lá maior, D. 959, póstuma). A arte de Noel Lee foi-se revelando cada vez mais apurada, prometendo uma série sensacional.

Quero apenas apontar um dos «fantástico» da história da musica: parece que, em vida de Schubert, nenhuma das suas sonatas foi dada em concerto publico. Este tesouro foi legado á posteridade. Saibamos aproveitá-lo!

Sequeira Costa: magistral presença em Mozart

Estranha a composição do programa oferecido pela Orquestra Gulbenkian, dirigida pelo maestro Juan-Pablo Izquierdo: Bela Bartok («Danças Populares Romenas», Mozart (concerto n.º 27, si menor, Kochel 595, com a magistral presença de Sequeira Costa ao piano), e Emanuel Nunes («Ruf», obra de excepcional envergadura do grande compositor português da actualidade que me sugeriu um daqueles «paralelismos» á maneira de Malraux que exteriorizei á saída do concerto e não me envergonho de imprimir: «Emanuel Nunes é uma espécie de Miguel Angelo da musica actual pela grandeza e coerência da sua arte.»)

Estranho, invulgar, a composição do programa; não o seu exemplarissimo «didatismo». Com o engodo — mais do que justificado! — de ouvir a arte de Sequeira Costa em Mozart,

Prado Coelho falou no Porto sobre Herculano

«Na prosa poética de Herculano, encontramos, afinal, a mais completa expressão de um misticismo natural á maneira das «reveries» de Rousseau, que nos deu o romantismo portuguesê» — afirmou o prof. Jacinto do Prado Coelho na conferência que proferiu no Porto, no Gabinete de História da Cidade, integrada nas comemorações do 1.º Centenário da Morte de Alexandre Herculano.

A' concepção tradicional de um Herculano inteirico e de uma conferência quase desumana, o conferencista contrapôs uma «imagem em negativa, deixada pela crítica na sombra»: a de um homem repartido entre a dualidade de vocações do nómado e do sedentário.

Considerando o autor do «Bobo» de «Um ascético labor intelectual» e «homem vagabundo e contemplativo», cuja temática poética encerra «zonas brancas e amenas que Lamartine lhe terá ensinado a captar», Prado Coelho salientou, ainda, o misticismo natural de Herculano.

LIVRARIA

do

«Diário de Notícias»

em

ALMADA

*

LIVROS DE TODOS OS GENERO.

NACIONAIS E ESTRANGEIROS

ENSINO PRIMARIO TECNICO E LICEAL

JORNAIS E REVISTAS

«O actor, no Brasil, ter mou Paulo Gracindo J

No Teatro Mon

Paulo Gr vai mostr

Para encenar a peça «É. Millor Fernandes, enco entre nós o actor e enc brasileiro Paulo Gracindo que o publico português c da sua interpretação de Jo ciel (em jovem) na tele «O Casarão». Esta peda ir bém assinalar o regresso tro de Mariana Rey-M (depois de largos anos de cia), e de Laura Soveral.

Enquanto Nacib e Orora tram as suas qualidades de diantes no palco do Monu nos bastidores do teatro, Maciel — Quando novo as pinturas (que não são p mente o seu trabalho) e um grupo de actores que, de um mês, irá apresentar blico da capital a peça «E' -Maciel-Quando-Novo que, como diz o povo, n amor como o primeiro, mais trabalhos de valor c tes artistas possam fazer serão sempre os seus nome o grande publico. E nun mando Bógus. Ou Natália le. Ou Paulo Gracindo Ju

Mas a verdade é que faz tro ou televisão é uma são, as personagens suce umas ás outras e, neste m to, Paulo Gracindo Junio é o jovem pintor do «Ca mas o (também jovem) e dor que, numa pequena s Monumental, vai tomando cimento com a sua nova de trabalho. Os actores sã conhecidos: Mariana Rey teiro (que assim regressa a cos depois de largos anos sência), Laura Soveral (qu tro de alguns episódios ta irá aparecer no «Casarão») lo Renato, Ana Zanatti e Quintas.

Paulo Gracindo chegou a há três dias, o tempo de co rem a leitura da peça, mais.

Esta sua estada entre nó se relaciona apenas com a tagem e encenação desta p convite do Governo brasilei anda pela Europa a fazer u balho relacionado com o e a vida dos actores em di países: subsídios, formaç actores, etc. Trabalho que lhe vai demorar cerca de um mês e meio (dentro d partirá para a Alemanha), do que regressará então ao sil. Acerca desta peça e da zões da sua escolha, diz-nos:

— A escolha desta peç Millor Fernandes partiu do co Morgado. Ela foi o maio cesso teatral de 77 no Rio d neiro, inerpretada por uma panhia com um passado importante. Nessa interpre do «E'Q» o encenador era o lo José. Mas o Vasco Morga tinha visto uns trabalhos (nessa altura e uencena «Exercícios») e depois conv -me a vir encená-la cá.

Além de encenador, Paulo cindo também é — como sabemos — actor.

— Tenho uma companhi nham Em geral, no Brasil, tistas de teatro têm as suas prias companhias. A gente zes encena, ás vezes actu guns há até que acumulam gos.

Entre a sua profissão de e encenador, Gracindo Junio escolhe.

— Ambas me dão muito zer. Gosto muito de dirigir, quando tenho um bom text mo actor, também é muito portante para mim. Esta p uma comédia de costumes e por um autor que nela te traduzir a tentativa de uma